

Perfil do Sul da Bacia de Pelotas atrai investidores

Atenção de petroleiras está na semelhança com a Bacia de Orange, na África, onde já houve descoberta de óleo

/ PETRÓLEO

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Ocupando uma área offshore (no mar) de cerca de 346,9 mil quilômetros quadrados, indo de Florianópolis à fronteira com o Uruguai e abrangendo toda a costa gaúcha, a Bacia de Pelotas tem atraído empresas com a intenção de prospectar petróleo na região. Em especial, a atenção dessas companhias está voltada para a parte Sul dessa bacia, que tem uma maior analogia com a Bacia de Orange, na margem da Namíbia, na África, onde já foram registradas descobertas de óleo.

A Bacia de Pelotas é composta por duas sub-bacias: Pelotas Norte e Pelotas Sul, sendo essa última marcada por maior profundidade e pelo desenvolvimento de sequências sedimentares mais espessas. É justamente essa porção, em articulação com as margens do Uruguai e da Argentina, que apresenta maior similaridade com os modelos observados na margem africana, conforme aponta o trabalho “Bacia de Pelotas: Uma fronteira exploratória em ascensão”, do Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (Ineep).

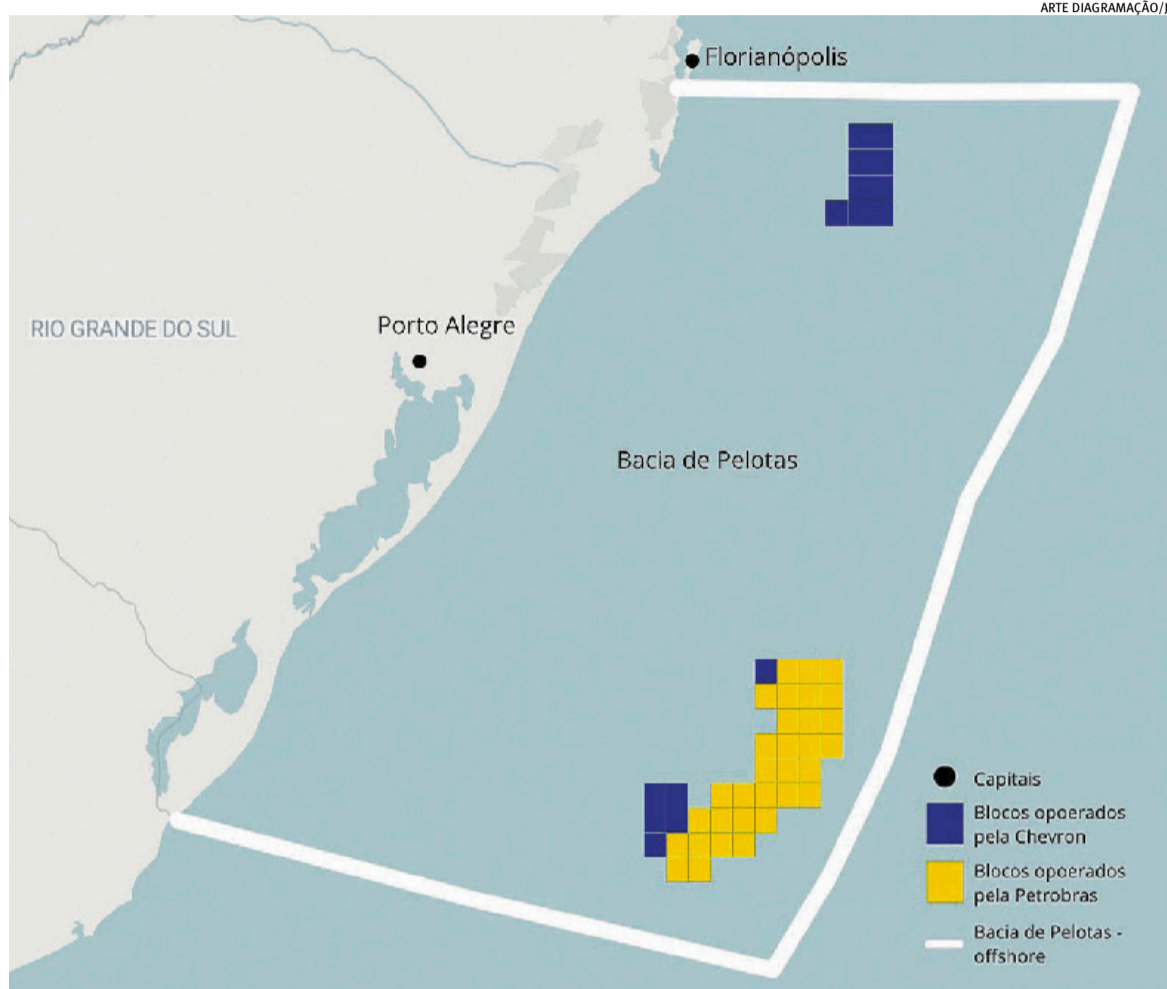
Hoje, a área conta com 47 blocos exploratórios contratados. Desse total, a Petrobras opera 32 blocos, enquanto a Chevron detém os outros 15 restantes. Os ativos operados pela Chevron distribuem-se entre as sub-bacias Pelotas Norte e Sul, enquanto a Petrobras concentra sua atuação na porção Sul, indicando priorização da estatal de áreas com maior analogia geológica com a margem africana, indica o levantamento.

O estudo do Ineep ressalta ainda que uma parcela relevante das petroleiras com atuação na Bacia de Pelotas já possuem experiência acumulada na Bacia de Orange. A Shell, por exemplo, que participa em consórcio com a Petrobras em 26 blocos na Bacia de Pelotas, foi a operadora do consórcio responsável pela descoberta do campo Graff, em 2022, uma das primeiras e mais relevantes da região.

A Galp, que atua em três blocos na Bacia de Pelotas operados pela Petrobras, age em diversos blocos da Bacia de Orange, incluindo participação na descoberta do reservatório de Mopane, anunciada em 2024. Por sua vez, a Chevron também possui operações em blocos exploratórios na costa da Namíbia.

No caso da Petrobras, observa-se movimento recente de reentrada na margem africana. Em fevereiro de 2026, a companhia anunciou a aquisição de 42,5% de participação no Bloco 2613, na Bacia de Lüderitz. Ainda de acordo com o Ineep, apesar da formação geológica semelhante com a Bacia do Rio Orange, isso por si só não garante a ocorrência de petróleo e gás em escala comercial na Bacia de Pelotas.

A efetiva comprovação de seu potencial depende, necessariamente, da disposição das empresas em assumir o risco inerente à atividade exploratória, avançando nas etapas de aquisição de dados sísmicos e, sobretudo, na perfuração de poços exploratórios, que são, em última instância, o único meio de confirmar a presença de hidrocarbonetos com escala econômica. Sobre as investigações na Bacia de Pelotas, o coordenador de pesquisas do Ineep, Francimar Ferreira, ressalta que há uma necessidade estrutural



de reposição das reservas de petróleo do Brasil.

Ele detalha que, segundo dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a relação reserva e produção de petróleo está em torno de 12 anos a 13 anos. “Isso significa que, se manter os níveis atuais de produção e não havendo descobertas para fazer a reposição dessas reservas, em um pouco mais de uma década haverá problema de abastecimento, problema de segurança energética”, adverte Ferreira.

Até hoje, reforça o pesquisador, foram feitas poucas perfura-

ções para tentar encontrar petróleo na Bacia de Pelotas (todas sem êxito), mas devido a sua semelhança geológica com as bacias africanas, principalmente na costa da Namíbia, a área passou por uma reavaliação e apresenta atualmente um potencial relevante. Além dos reflexos financeiros, com a geração de royalties, a possível exploração da Bacia de Pelotas deve propiciar diversos postos de trabalho.

O integrante do Ineep frisa que o setor do petróleo mobiliza uma extensa cadeia de fornecedores e demanda um conjunto relevante de infraestrutura. Ferreira enfatiza que

o Rio Grande do Sul já tem uma trajetória de participação nesse segmento, principalmente na construção de embarcações e integração de plataformas de petróleo.

Esse cenário, aponta o pesquisador, pode ser dinamizado com as descobertas na Bacia de Pelotas. O Ineep indica que os segmentos de óleo e gás, naval e petroquímico somados totalizaram cerca de 3 mil empregos no Rio Grande do Sul, em 2024. Quando a construção naval esteve mais aquecida, como em 2015, por exemplo, esse patamar chegou a aproximadamente 11,7 mil postos de trabalho.

Governo começa a retirar subsídio à gasolina na próxima semana, diz Fazenda

/ COMBUSTÍVEIS

O ministro da Fazenda, Dario Durigan, afirmou nesta quinta-feira que o subsídio à gasolina começa a ser retirado na próxima semana. A ideia, afirmou, é fazer um corte gradual do benefício, que é de R\$ 0,44 por litro.

Na terça-feira, o governo retirou um dos subsídios dados ao óleo diesel, de R\$ 0,35 por litro. Logo em seguida, a Petrobras anunciou redução no preço do produto em valor equivalente, anulando qualquer repasse ao consumidor final.

“Da mesma forma como a gente teve prontidão para erguer as proteções, dizendo: o Brasil não vai ser sócio da guerra”, afirmou o ministro, “quando o preço do petróleo diminui, ainda que com incerteza, nós temos que ir revertendo os benefícios ou as subvenções.”

Durigan não quis informar quanto do subsídio será cortado na próxima semana, mas deixou claro que será apenas uma parcela.

“A ideia é retirar totalmente no tempo, com cuidado, já que tem uma incerteza: o preço não voltou totalmente ao valor pré-guerra.

Mas certamente esse é o objetivo, é ir retirando para até nos próximos meses tirar todo o subsídio que haja sobre o combustível no País”, disse.

A gasolina foi o último combustível a receber subsídio após o início da guerra no Irã. Logo após o anúncio do benefício, a Petrobras aumentou o preço do combustível em valor quase equivalente, como em outras operações casadas com o governo para evitar impactos nas bombas.

Na quarta, a presidente da estatal, Magda Chambriard, afirmou

que ainda é cedo para falar sobre corte no preço da gasolina para acompanhar a cotação internacional do petróleo.

“Todos os nossos combustíveis acompanham a tendência dos preços internacionais sem internacionalizar a volatilidade, sem internacionalizar a ansiedade, né. Então no caso da gasolina é a mesma coisa”, disse. “Ela custou para subir, né?” Além dos R\$ 0,44 por litro da gasolina, o governo ainda mantém uma subvenção ao óleo diesel, de R\$ 1,12 por dia.

Até o fim de junho, a ANP

(Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis) havia autorizado o pagamento de cerca de R\$ 2,2 bilhões em subvenção ao diesel. O valor, porém, ainda não corresponde ao total devido, já que há parcelas em atraso.

Segundo a agência, foram pagos R\$ 2,13 bilhões da primeira subvenção, de R\$ 0,32 por litro, e R\$ 50 milhões da subvenção de R\$ 0,80 por litro ao diesel importado. A primeira foi criada em abril e tem orçamento de R\$ 10 bilhões e a segunda, criada em maio com R\$ 550 milhões de orçamento.